

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

AJUDA FINANCEIRA CONCEDIDA PELO FMI AOS PAÍSES EM  
DESENVOLVIMENTO

Patricia Naccache Martins da Costa

Nº de matrícula: 0511926

Orientador: Juliano Junqueira Assunção

Novembro de 2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

AJUDA FINANCEIRA CONCEDIDA PELO FMI AOS PAÍSES EM  
DESENVOLVIMENTO

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.”

---

Patricia Naccache Martins da Costa

Nº de matrícula: 0511926

Orientador: Juliano Junqueira Assunção

Novembro de 2008

“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor”.

## **Agradecimentos**

Agradeço a toda a minha família e amigos, principalmente aos meus pais, pelo apoio e confiança a mim dedicados.

Agradeço ao professor Juliano pela orientação na monografia e por ter sido meu professor na matéria que me fez escolher este tema para a pesquisa.

## **Sumário**

1. Introdução	6
2. Objetivos e Condicionalidade da Ajuda	8
3. Dados	11
4. Metodologia	14
5. Ajuda, Renda e Desigualdade	15
6. Ajuda e Crescimento	20
7. Ajuda e Pobreza	26
8. Ajuda e Comércio Internacional	32
9. Conclusão	35
10. Referências Bibliográficas	37
Anexo 1 - Amostras de Países Utilizadas nas Regressões	39
Anexo 2 - Estrutura Oficial da Conta de Bens e Serviços do Balanço de Pagamentos de acordo com o FMI	41

**Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Descrição das Variáveis	12
Tabela 2 – Estatísticas Descritivas das Variáveis	13
Tabela 3 – Relação entre Ajuda e Renda per capita	15
Tabela 4 – Relação entre Ajuda e Renda	16
Tabela 5 – Relação entre Ajuda e Desigualdade Medida pelo Índice de Gini	18
Tabela 6 – Relação entre Ajuda e Desigualdade Medida pelo Índice MLD	19
Tabela 7 – Relação entre Ajuda e Crescimento Anterior à Ajuda	23
Tabela 8 – Relação entre Ajuda e Crescimento Posterior à Ajuda	24
Tabela 9 – Relação entre Ajuda e Pobreza Medida pelo Headcount	29
Tabela 10 – Relação entre Ajuda e Pobreza Medida pelo Poverty Gap	29
Tabela 11 – Relação entre Ajuda e Pobreza Medida pelo Squared Poverty Gap	30
Tabela 12 – Relação entre Pobreza Medida pelo Índice de Watts	31
Tabela 13 – Relação entre Ajuda e Balanço de Pagamentos	32
Tabela 14 – Relação entre Ajuda e Exportações	33
Tabela 15 – Relação entre Ajuda e Importações	34

## 1. Introdução

A ajuda financeira concedida por instituições oficiais para países em desenvolvimento, excluindo-se a ajuda feita por organizações privadas, chegou a \$103,6 bilhões no ano de 2006 e a \$2,3 trilhões nos últimos 50 anos. (Easterly, 2008)

Este tipo de ajuda pode ser bilateral, ou seja, concedida diretamente de um país para outro, ou multilateral, quando a ajuda é intermediada por organizações específicas para este fim.

Cada instituição possui diferentes objetivos para a ajuda, sendo os mais enfatizados a promoção do crescimento econômico nos países em desenvolvimento que a recebem, e redução da pobreza nestes países. Estes diferentes objetivos tornam possível a avaliação da eficácia da ajuda de diferentes maneiras. Muitas vezes, as instituições ou países doadores falham em cumprir os objetivos anunciados por conceder ajuda de acordo com determinados interesses estratégicos.

Há, ainda, uma discussão sobre como a ajuda deve ser concedida: sob a forma de um “presente” ou de um empréstimo? Geralmente, as instituições de ajuda multilateral dão preferência aos empréstimos, atribuindo a eles algum tipo de condicionalidade. Para este tipo de ajuda, vale ressaltar também a questão do endividamento externo.

Em 1944, no final da Segunda Guerra Mundial, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) foram criados para ajudar a manter a nova ordem mundial. Ao Banco Mundial foi designado manter o crescimento econômico de longo prazo, provendo fundos para a reconstrução; ajuda financeira e garantias de investimento estrangeiro direto. Ele concedia, nos anos 50 e 60, empréstimos destinados a projetos específicos (como construção de estradas, por exemplo). Nos anos 80 e 90, a ajuda era condicionada a programas de ajuste estrutural (SAPs, na sigla em inglês), programas estes que visavam atingir a estabilidade macroeconômica e a abertura à competição externa. Mais recentemente, seu principal objetivo se tornou a redução da pobreza. (Goff, 2003)

O FMI foi criado com o objetivo de estabilizar as taxas de câmbio; para isso, o Fundo concedia empréstimos de curto prazo para países que apresentassem desequilíbrio no balanço de pagamentos. Atualmente, ele conta com 185 países-membro e atua de três formas:

- monitorando o desenvolvimento financeiro e econômico de seus países-membro, e prevendo crises;

- concedendo empréstimos, não apenas para países em desequilíbrio no balanço de pagamentos, como inicialmente, mas agora também com o objetivo de reduzir a pobreza;

- concedendo assistência técnica.

Grande parte da literatura a respeito da ajuda financeira externa faz referência apenas à ajuda bilateral, e considera como método de avaliação da eficácia da ajuda, em sua maioria, *apenas* dados macroeconômicos (sendo o crescimento da renda o principal deles), ou, em menor escala, *apenas* dados relacionados à pobreza. Este trabalho contribui no sentido de tentar avaliar um tipo de ajuda multilateral, a ajuda concedida pelo FMI sob a forma de empréstimos, e de realizar a análise empírica se baseando em dados tanto macroeconômicos, quanto relacionados à pobreza e desigualdade.

## **2. Objetivos e Condicionalidade da Ajuda**

Diversos estudos têm sido feitos para tentar avaliar a eficácia de transferências de renda sob a forma de ajuda financeira internacional bilateral e multilateral. A maioria deles se concentra em avaliar este tipo de ajuda através de medidas como o crescimento econômico e índices de pobreza, já que estes são os dois principais objetivos oficiais divulgados pelas instituições e países doadores. A maioria indica, no entanto, a ausência de correlação entre a ajuda e estes dois indicadores.

Alguns argumentos principais foram utilizados para explicar os resultados negativos da maioria dos estudos relacionados à eficácia da ajuda externa: (Masud e Yontcheva, 2005)

1 – A ajuda é mal alocada, ou seja, os doadores concedem ajuda por razões estratégicas para os recebedores errados. Boa parte da literatura mostra que os doadores distribuem a ajuda de acordo com seus interesses estratégicos, que envolvem desde objetivos comerciais e políticos, como o apoio a transações econômicas e sociais, a prevenção de conflitos ou a promoção da democracia, até objetivos de ordem cultural e de ajuda humanitária (como a erradicação de efeitos da fome ou de desastres naturais).

Países desenvolvidos provedores de ajuda externa do tipo bilateral muitas vezes utilizaram a ajuda como “um alibi para a prática do protecionismo”, e assim acabaram por prejudicar os países em desenvolvimento. (Goff, 2003). Um exemplo de ajuda concedida por razões diplomáticas é a ajuda destinada ao Oriente Médio: os fluxos de ajuda para esta região quadruplicaram entre 2001 e 2004, período seguinte aos ataques terroristas (Lancaster, 2007). Durante a Guerra Fria, o auxílio financeiro foi também usado para conter a ameaça do comunismo na África. (Goff, 2003). A ajuda também já foi utilizada com os objetivos não declarados de aumentar as exportações dos países doadores ou combater o tráfico de drogas (Easterly, 2003).

2 – A ajuda é mal utilizada, ou seja, os governos dos países que a recebem não se preocupam em promover o desenvolvimento. O mecanismo de ajuda é muito complexo. Os indivíduos que deveriam ser beneficiados com a ajuda são os mais pobres do mundo, que tendem a ter pouca influência sobre o governo de seus países, e muito menos

influência em relação ao governo dos países desenvolvidos que controlam as agências que prestam este tipo de ajuda. (Easterly, 2003). Easterly(1999) mostra que é possível ver que, se a ajuda é vista como uma renda permanente, a resposta ótima do país receptor é gastá-la com consumo, e não com poupança. Masud e Yontcheva (2005) observam que um aumento do consumo pode estar diretamente relacionado à diminuição da pobreza, se considerarmos que há um aumento do consumo dos mais pobres.

Para tentar minimizar este problema da não alocação da ajuda em poupança, mas sim em consumo, as instituições financeiras internacionais passaram a condicionar a ajuda (geralmente sob a forma de empréstimos) ao fato dos países beneficiados atingirem determinadas metas. Estas metas envolvem mudanças estruturais como privatização de empresas governamentais, metas relacionadas à estabilidade macroeconômica (baixa inflação e baixo déficit orçamentário), não interferência em preços e abertura ao comércio internacional, ou, ainda, metas relacionadas à reforma política.

Este tipo de ajuda apresenta um problema adicional, o endividamento externo. Muitas vezes, o custo de oportunidade de pagar a dívida é muito alto para os países endividados; muitos acabam gastando mais com o pagamento da dívida do que investindo em educação e saúde, por exemplo, e entram, assim, numa armadilha de pobreza. (Goff, 2003).

No entanto, tais instituições geralmente continuam a conceder empréstimos sem considerar se os países receptores foram bem-sucedidos no cumprimento das metas, ou se de fato pagaram a dívida, quando do recebimento de empréstimos anteriores.

Geralmente, isso pode ser justificado pelo fato de ter havido uma mudança de governo no país receptor, e, com isso, este ter conquistado nova “credibilidade” frente às instituições de ajuda. Porém, alguns exemplos mostram que, mesmo sem mudança de governo, a ajuda continuou a ser concedida, independente do cumprimento ou não da condicionalidade imposta. Easterly (2003) mostra que este é o caso do Quênia, para o qual foram concedidos 21 empréstimos do FMI e do Banco Mundial, apenas entre os anos de 1980 a 2000. Este tipo de atitude gera um problema: tanto o sucesso da ajuda em contribuir para que o país cumpra as condições estabelecidas, quanto o seu fracasso, são justificativas para que sejam concedidos novos empréstimos.

É importante notar que as nações que apresentam menores níveis de renda apresentam uma enorme variedade de instituições, culturas e histórias. Agregá-las todas em uma mesma categoria de “países em desenvolvimento” que vão “deslanchar” com a ajuda externa é uma simplificação enorme. A evidência macroeconômica mostra que não é possível alcançar um bem-estar tão grande com intervenções políticas tão pequenas quanto estas. (Easterly, 2003)

No entanto, mesmo considerando que os países e instituições doadoras possam apresentar objetivos estratégicos para a ajuda, não observar se os recebedores estão ou não cumprindo as metas ou reembolsando-os corretamente, a idéia de uma transferência de renda de pessoas de alta renda para pessoas muito pobres continua válida.

Segundo Easterly (2003), “o objetivo da ajuda externa não é mover a maior quantidade de dinheiro politicamente possível, ou transformar uma sociedade da riqueza para a pobreza. O objetivo é simplesmente beneficiar algumas pessoas pobres durante algum tempo.”

### **3. Dados**

Esta seção apresenta as fontes de dados e a descrição das variáveis utilizadas na análise empírica. Foram utilizados os dados fornecidos pelo FMI através do IFS (International Financial Statistics), de fevereiro de 2008, e os fornecidos pelo Banco Mundial através do WDI (World Development Indicators), divulgados em agosto de 2008 pelo PovcalNet.

As variáveis que foram compostas tendo como base os dados do IFS estão expressas em milhões de SDR (Special Drawing Right). O SDR é uma unidade monetária artificial, cujo valor é calculado somando os valores, em dólares, baseados nas taxas de câmbio vigentes, de uma cesta que contém as principais moedas: dólar americano, euro, yen japonês e libra esterlina. O valor do SDR é atualizado a cada dia e a cesta é revisada a cada 5 anos. No dia 14 de novembro de 2008, 1 SDR equivalia a aproximadamente US\$1,48<sup>1</sup>.

No IFS foram coletados os dados referentes à ajuda financeira multilateral concedida pelo FMI para cada país, por ano, correspondentes à variável “ajuda”, que será utilizada em todas as regressões. Foram coletados também dados referentes ao PIB e população dos países considerados na amostra, taxa de câmbio de cada moeda em relação ao SDR, e foram montadas séries para o PIB per capita em SDRs e seu crescimento de 5 em 5 anos. Em relação às contas internacionais, a variável “BP” representa o saldo do Balanço de Pagamentos. Em relação à conta corrente, as exportações e importações de bens e serviços também foram utilizadas, sempre normalizadas pelo PIB. A tabela 1 mostra a descrição detalhada de todas as variáveis.

Inicialmente, o objetivo era que fossem utilizados os dados de 1945 a 2007. Porém, como alguns dados não estavam disponíveis para determinados anos, principalmente as primeiras décadas e os últimos anos, optei por restringir os dados, reduzindo o período então para os anos de 1990 a 2005. Foram retirados também alguns

---

<sup>1</sup> Recentemente, o valor do SDR em dólares vem diminuindo.

países cujos dados para esses anos não estavam completos, reduzindo assim a amostra para 55 países<sup>2</sup>.

Tabela 1 - Descrição das Variáveis

ajuda	ajuda financeira concedida pelo FMI para cada país, por ano, expressa em milhões de SDRs
Y	Produto Interno Bruto de cada país, expresso em milhões de SDRs
Ypc	Produto Interno Bruto per capita de cada país, expresso em milhões de SDRs
cresc y anterior	crescimento do PIB per capita nos 5 anos anteriores ao ano observado
cresc y posterior	crescimento do PIB per capita nos 5 anos posteriores ao ano observado
M/Y	importações de bens e serviços, como proporção do PIB
X/Y	exportações de bens e serviços, como proporção do PIB
BP	saldo do Balanço de Pagamentos, expresso em milhões de SDRs
H	porcentagem da população vivendo em domicílios com consumo ou renda per capita abaixo da linha de pobreza de US\$38 por mês (headcount)
PG	distância média abaixo da linha de pobreza como proporção da linha de pobreza (poverty gap)
SPG	média do quadrado das distâncias abaixo da linha de pobreza como proporção da linha de pobreza (squared poverty gap)
Watts	Índice de pobreza de Watts, que atende uma série de axiomas desejáveis para um medidor de pobreza <sup>3</sup>
Gini	índice de Gini, medida de desigualdade variando entre 0 (não há desigualdade) e 100 (desigualdade máxima)
MLD	índice de desigualdade, calculado através do desvio da renda individual em relação ao log da renda média
dummies para anos	15 variáveis dummy indicando os anos: 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003 e 2004

No WDI foram obtidos dados relacionados à pobreza e desigualdade; estas estimativas estão disponíveis de 3 em 3 anos, de 1981 a 2005; aqui utilizei, novamente, os dados a partir de 1990. Para os dados de pobreza, foi utilizada a linha de pobreza de US\$1,25 por dia, ou US\$38 por mês.

Foram consideradas como variáveis de pobreza a porcentagem da população vivendo em domicílios com renda per capita abaixo desta linha de pobreza, a distância

<sup>2</sup> A lista completa da amostra de países pode ser vista em anexo.

<sup>3</sup> A seção “Ajuda e pobreza” apresenta uma explicação de como este índice é calculado.

média abaixo da linha e o índice de pobreza de Watts. Para a desigualdade, foram utilizados o índice de Gini e o índice MLD (mean log deviation). A tabela 2 mostra as estatísticas descritivas para todas as variáveis.

Tabela 2 - Estatísticas Descritivas das Variáveis

	Observações	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
ajuda	880	123,87	0	0	12635	824,36
Y	880	38745	6415,5	116,91	6,42E+05	87212
ypc	880	1533,1	725,65	54,617	14887	2067,9
cresc y anterior	572	0,19624	0,1439	-0,81357	10,865	0,68511
cresc y posterior	572	0,19221	0,15421	-0,68733	5,7824	0,44537
M/Y	688	1001,9	0,36104	0,046342	1,67E+05	8423,1
X/Y	688	0,32385	0,28916	0,024389	0,92164	0,17821
BP	585	-595,94	-0,0598	-3,0260E+05	8109,4	12584
H	258	30,341	20,555	0	86,43	27,653
PG	258	12,667	5,775	0	56,96	14,203
SPG	258	7,1203	2,67	0	44,2	9,179
Watts	247	101,55	0,0841	0,0001	12897	1124,5
Gini	258	43,576	43,11	24,03	61,33	8,8583
MLD	258	0,35274	0,3191	0,1009	0,7409	0,15755

#### **4. Metodologia**

Para analisar o perfil dos países que recebem ajuda externa do FMI, realizei uma análise empírica utilizando dados em painel no formato de cross-sections empilhadas, utilizando a princípio 55 unidades de seção cruzada observadas durante 16 períodos. Depois a amostra foi reduzida para 52, 43 e 39 países (de acordo com os dados disponíveis), e a série temporal para 15 e 11 períodos.

Inicialmente foram feitas regressões pelo modelo de Mínimos Quadrados Ordinários “empilhado”, tendo como variável independente a “ajuda” e como dependentes, as variáveis representando dados macroeconômicos, comércio internacional, pobreza e desigualdade dos países ao longo do tempo. No caso da variável representando o crescimento do PIB per capita anterior ao ano observado, esta foi utilizada como variável independente e a ajuda como variável dependente em todas as regressões.

Depois foram feitas regressões com as mesmas variáveis utilizando um estimador de Efeitos Fixos, com o objetivo de tentar eliminar os “efeitos individuais não observados”, ou seja, fatores que variam entre os países, mas são fixos ao longo do tempo, como, por exemplo, a localização do país, proximidade em relação a países desenvolvidos, o fato de ser banhado pelo mar e outros de ordem geográfica.

Posteriormente, foram incluídas nas regressões variáveis dummy para todos os anos, exceto o último (2005). A inclusão das dummies permitiu que fossem eliminados efeitos de possíveis alterações nas variáveis que tenham ocorrido uniformemente para todo o mundo; por exemplo, para o caso do crescimento do PIB, com as variáveis binárias é possível eliminar o efeito de um ano em que tenha havido queda no crescimento do produto de quase todos os países devido a uma recessão global. A não inclusão de uma variável dummy para o último ano se justifica para que seja evitado o problema de colinearidade perfeita.

## 5. Ajuda, Renda e Desigualdade

Para avaliar o perfil de renda dos países que receberam algum empréstimo do FMI entre os anos de 1990 e 2005, foram feitas quatro regressões tendo o PIB per capita como variável dependente e a ajuda como variável independente. A tabela 3 apresenta os resultados encontrados:

Tabela 3 – Relação entre Ajuda e Renda per capita  
Variável Dependente: Renda per capita

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	0,210055** (0,0843582)	-0,0740692** (0,0310553)	0,202493** (0,0850521)	2136,59*** (-0.0903916)
constante	sim	sim	sim	sim
dummies anuais	não	não	sim	sim
Observações	880	880	880	880
R- quadrado	0,00701	0,9012	0,02549	0,9206

Unidades de seção cruzada = 55

Comprimento da série temporal = 16

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

A primeira coluna da tabela mostra a regressão feita através do modelo de Mínimos Quadrados empilhados, tendo apenas a “ajuda” como variável explicativa. A segunda coluna mostra a mesma regressão, utilizando agora um estimador de efeitos fixos. O coeficiente de “ajuda” encontrado nesta regressão foi negativo, de aproximadamente -0,07. Como estamos aqui analisando a renda e a ajuda para o mesmo período de tempo, podemos concluir que os países para os quais o FMI concede mais empréstimos apresentam menor renda per capita. A terceira coluna mostra a regressão, novamente pelo método de MQO “pooled”, porém agora incluindo como variáveis independentes, além de “ajuda”, dummies representando os anos considerados na amostra. A quarta coluna da tabela mostra a regressão utilizando um estimador de

efeitos fixos, incluindo as variáveis dummies para anos; neste caso, a variável ajuda passa a ser estatisticamente significativa ao nível de 1%.

Para o produto total, a análise é similar à da renda per capita: as regressões com estimadores de efeitos fixos mostram que a ajuda é correlacionada com uma renda menor. Agora a ajuda é estatisticamente significativa ao nível de 10%, para a regressão com estimadores de efeitos fixos sem dummies, e a 5%, quando são incluídas as dummies nessa regressão. A tabela abaixo mostra os resultados das regressões.

Tabela 4 – Relação entre Ajuda e Renda  
Variável Dependente: Renda

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	34,319 *** (3,37727)	-3,00893 * (1,62873)	34,5618*** (3,40874)	-3,56508 ** (1,57682)
constante	sim	sim	sim	sim
dummies anuais	não	não	sim	sim
Observações	880	880	880	880
R- quadrado	0,10523	0,84722	0,10367	0,8626
Unidades de seção cruzada = 55				
Comprimento da série temporal = 16				

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

Ravallion e Chen (2001), tentando entender a relação entre renda e desigualdade, definiram uma “curva de incidência de crescimento”, que mostra como um aumento de renda é distribuído na população. Dividindo a economia de um país em cinco quantis (dos 20 % mais ricos aos 20% mais pobres), esta curva mostra como o crescimento afeta cada um destes quantis.

Para calcular a curva, eles consideraram  $F_t(y)$  a função de distribuição acumulada da renda, com uma linha de pobreza  $y$  em um período  $t$ . Invertendo a função no quantil  $q$ , temos a renda deste quantil, que é equivalente à derivada da curva de Lorenz multiplicada pela média  $\mu$ :  $F_t^{-1}(q) = L_t'(q) \mu_t$ . A taxa de crescimento da renda para o quantil  $q$  é, então,  $L_t'(q) \mu_t / L_{t-1}'(q) \mu_{t-1} - 1$ , que é a “curva de incidência de

crecimento”. Quando esta função é decrescente para todo  $q$ , então a desigualdade cai ao longo do tempo, e a desigualdade aumenta quando a função é crescente.

Com o objetivo de tentar verificar uma possível correlação entre a ajuda financeira concedida pelo FMI e a desigualdade de renda dos países, utilizei os índices de Gini e o MLD. O índice de Gini é calculado somando-se todos os pares de diferenças de renda entre dois indivíduos de um mesmo país, ponderados pelo número de pares e normalizado pelo quadrado da população (equivalente ao número de pares) e pela renda média daquele país. Este índice pode ser visto também como a divisão da área entre a curva de Lorenz e a linha de 45° pela área total abaixo da linha de 45°.

O índice de Gini satisfaz o princípio da anonimidade (trocas de renda entre indivíduos não alteram a desigualdade), o princípio da população (o tamanho da população não importa, mas sim a proporção da população que recebe diferentes níveis de renda), princípio da renda relativa (a renda relativa deve ser usada para medir a desigualdade, e não a renda absoluta) e o princípio de Dalton (se houver uma transferência de renda entre dois indivíduos com o mesmo nível de renda, o índice deve representar a nova sociedade como mais desigual que a anterior), e, sendo assim, é consistente com o critério de Lorenz.

O outro índice utilizado foi o MLD, calculado através do desvio da renda individual em relação à renda média da população.

Vale lembrar que os índices de desigualdade tendem a variar muito pouco ao longo do tempo. Sendo assim, a análise das regressões com efeitos fixos não é válida para estes casos. A média da variável Gini foi de aproximadamente 43,58.

Na próxima página, apresentamos a tabela 5, com os resultados encontrados para as regressões com a variável Gini. Nesta tabela incluímos, também, os coeficientes encontrados para as variáveis dummy, apenas para efeito ilustrativo. Vale lembrar que utilizamos os dados do WDI, que estão disponíveis apenas de três em três anos. Sendo assim, temos seis períodos de tempo, e incluímos dummies para cinco deles. (ano de 2005 foi o ano-base).

Tabela 5 – Relação entre Ajuda e Desigualdade Medida pelo Índice de Gini  
Variável Dependente: Gini

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
Ajuda	0,00132078* (0,000675685)	-9,09020E-05 (0,000321523)	0,00135693** (0,000687447)	-7,29121E-05 (0,000328024)
constante	sim	sim	sim	sim
dummy 90			0,663885 (1,91755)	0,680866 (0,781653)
dummy 93			0,499869 (1,91757)	0,524758 (0,781664)
dummy 96			0,153566 (1,91755)	0,170638 (0,781653)
dummy 99			-0,0823150 (1,91945)	0,0960733 (0,782714)
dummy 02			-0,277799 (1,92751)	0,129612 (0,787211)
Observações	258	258	258	258
R- quadrado	0,01471	0,86309	0,01607	0,86387

Unidades de seção cruzada = 43

Comprimento da série temporal = 6

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

A partir da primeira coluna da tabela, é possível ver que a regressão feita através de MQO “pooled” apresentou um coeficiente positivo para a variável “ajuda”. Percebemos então que, no mesmo ano, mais ajuda está relacionada com mais desigualdade, ou seja, o perfil dos países que recebem empréstimos mostra que eles apresentam maiores índices de desigualdade. Com a introdução do controle através das variáveis dummy anuais, o coeficiente se manteve positivo e estatisticamente significativo a 5%.

Os coeficientes das dummies indicariam a relação entre a desigualdade de cada ano em relação ao ano base de 2005. No entanto, para estas regressões, nenhuma dummy apresentou um coeficiente estatisticamente significativo.

Para o índice MLD, os resultados foram semelhantes: coeficientes positivos e estatisticamente significantes para a variável independente ajuda, nas regressões sem estimadores de efeitos fixos, mostrando uma correlação positiva de ajuda com desigualdade.

Tabela 6 - Tabela 5 – Relação entre Ajuda e Desigualdade Medida pelo Índice MLD  
Variável Dependente: MLD

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	2,64982E-05** (1,19927E-05)	-1,78985E-06 (6,02241E-06)	2,74842E-05** (1,21885E-05)	-1,07111E-06 (6,11482E-06)
constante dummies	sim	sim	sim	sim
anuais	não	não	sim	sim
Observações	258	258	258	258
R- quadrado	0,01871	0,84814	0,02215	0,85044

Unidades de seção cruzada = 43

Comprimento da série temporal = 6

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

Através da análise empírica apresentada nesta seção, foi possível ver, então, que o perfil dos países que recebem empréstimos do FMI reflete países com menores níveis de renda e maiores índices de desigualdade.

## 6. Ajuda e Crescimento

“Yet the idea that ‘aid buys growth’ is an integral part of the founding myth and ongoing mission of the aid bureaucracies. The aid bureaucracies define their final objective as ‘poverty reduction’ (today’s more politically correct name for ‘growth’) and their immediate output as aid money disbursed” (Easterly, 2003)

Em 1966, Chenery e Strout, a partir do modelo de Harrod 1939-Domar 1946, desenvolveram o modelo de “two-gap”, que mostra que o investimento necessário para que seja atingida determinada taxa de crescimento é proporcional à taxa de crescimento através da razão capital-produto (incremental capital output ratio, ICOR), e que a necessidade de ajuda é dada pelo “gap” entre este investimento e a poupança disponível. Este modelo implica que a ajuda internacional deveria ser transformada em investimento a uma razão de um para um, e que há uma relação linear entre investimento e crescimento no curto prazo<sup>4</sup> (Easterly, 1999).

Easterly (1999), avaliando o modelo de “financing gap” para o curto prazo, mostra que há um problema de “moral hazard” quando a ajuda é concedida com base neste modelo: os países que recebem os empréstimos têm incentivo a manter ou aumentar o seu “gap”, através de aumento no consumo e diminuição da poupança. Utilizando uma amostra de 88 países para os anos de 1965 a 1995, para testar a relação entre a ajuda externa e investimento, e dados de 138 países para testar a relação entre investimento e crescimento, ele mostrou que apenas um país “passou” nos dois testes, ou seja, estava de acordo com as considerações do modelo de “financing gap”.

Burnside e Dollar (2000), tentando avaliar também a relação entre ajuda e crescimento, introduziram uma nova variável, até então desconsiderada: a política econômica. Utilizando dados para 56 países de 1970 a 1993, mostraram que, em geral, a ajuda financeira externa bilateral e multilateral apresenta pouco efeito sobre o

---

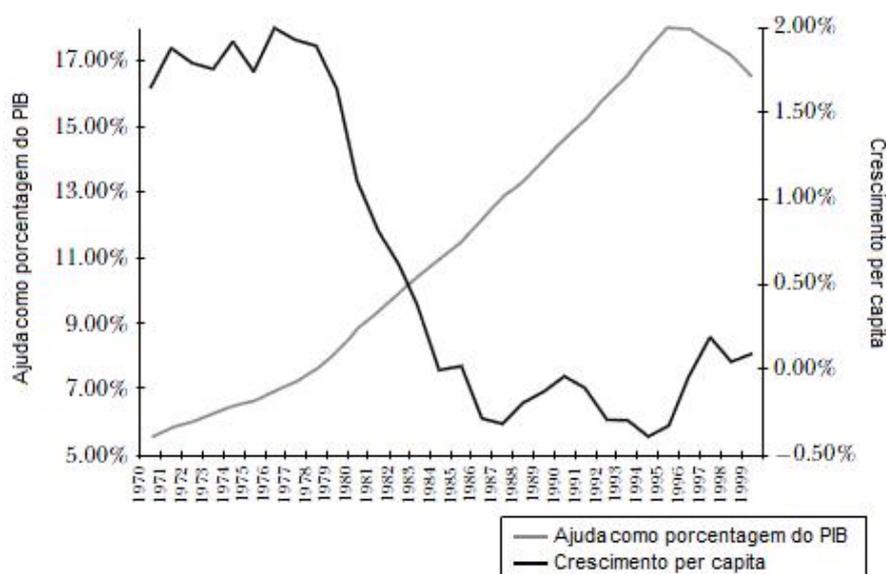
<sup>4</sup> Demonstração: a taxa de crescimento da renda per capita encontrada no modelo Harrod-Domar pode ser escrita como  $g = \frac{s}{\theta} - (n + \delta) = \frac{S/Y}{K/Y} - (n + \delta) = \frac{S}{K} - (n + \delta) = \frac{I}{K} - (n + \delta)$ , onde  $s$  representa a taxa de poupança,  $\theta$  a razão capital-produto,  $n$  a taxa de crescimento da população,  $\delta$  a taxa de depreciação, e  $S$ ,  $Y$ ,  $K$  e  $I$  a poupança, renda, capital e investimento agregados.

crescimento do PIB per capita de países em desenvolvimento. Porém, enfatizaram que seus resultados mostraram este impacto como positivo para países que apresentam boas políticas monetária, fiscal e externa. Sendo assim, em relação à ajuda multilateral, os doadores tendem a destinar mais ajuda a países com políticas consideradas “boas”. Em relação à ajuda bilateral, a correlação entre ajuda e políticas foi praticamente zero. Mostraram também que a ajuda aumenta o consumo do governo.

Depois da publicação deste paper, inúmeras referências a ele foram feitas, inclusive por parte de instituições internacionais de ajuda, recomendando que os esforços de ajuda externa deveriam ser concentrados em países que apresentassem adequadas políticas macroeconômicas. No entanto, Easterly (2003), considerando “definições alternativas” para as variáveis “ajuda”, “política” e “crescimento”, realizou nova análise empírica e não encontrou coeficientes estatisticamente significantes para praticamente nenhuma das variáveis<sup>5</sup>.

No mesmo artigo, ele mostra como as instituições financeiras internacionais continuam insistindo que a ajuda terá algum efeito no longo prazo, apesar de fortes evidências em contrário, como é o caso da óbvia falta de correlação entre ajuda e crescimento para o caso da África, ilustrado na figura abaixo.

Figura 1 – Ajuda e Crescimento na África (média móvel de 10 anos)



<sup>5</sup> Em apenas um caso, o coeficiente atribuído à variável de interação entre política e ajuda demonstrou ser estatisticamente significativo ao nível de 5%, numa regressão em que a variável dependente era o crescimento da renda per capita.

É dele, também, a citação que abre este capítulo.

Devido à críticas como estas, em 2004 Burnside e Dollar revisaram seu paper, utilizando dados mais recentes, para a década de 90, e encontraram os mesmos resultados. Mostraram que as instituições e políticas devem ser consideradas ao avaliarmos a relação entre ajuda e crescimento, e reafirmaram que há um impacto positivo da ajuda no crescimento na presença de boas políticas econômicas.

Uma enorme variedade de outros autores consideram o crescimento como a melhor medida para avaliar a eficácia da ajuda. A maioria, através de análises empíricas, mostra que não há impacto da ajuda no crescimento.

Para que pudéssemos realizar nossa análise empírica, definimos duas novas variáveis: o crescimento da renda per capita nos 5 anos anteriores e nos 5 anos posteriores ao recebimento da ajuda. No capítulo anterior, foram comparadas as variáveis para os mesmos períodos de tempo, ou seja, tomamos como base a renda e a desigualdade no momento em que os países recebiam a ajuda, mostrando assim o perfil destes países naquele momento. Agora, para tentar avaliar a relação do crescimento da renda per capita com a ajuda financeira multilateral concedida pelo FMI sob a forma de empréstimos, nos focamos em duas perguntas principais:

1) Como o crescimento de renda está relacionado com o fato de receber ou não um empréstimo, ou seja, como o crescimento da renda per capita nos cinco anos anteriores ao ano de recebimento da ajuda está relacionado com ela? Países que apresentam baixo crescimento tendem a receber mais ajuda?

2) Qual o efeito da ajuda no crescimento, ou seja, como os empréstimos tomados pelos países hoje afetam o crescimento de sua renda nos cinco anos posteriores ao ano de recebimento da ajuda?

Para tentar responder à primeira pergunta, foram realizadas quatro regressões tendo o crescimento do PIB per capita nos cinco anos anteriores ao ano de recebimento da ajuda como variável independente, e a ajuda como variável dependente.

Tabela 7 – Relação entre Ajuda e Crescimento Anterior à Ajuda  
Variável Dependente: ajuda

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
Crescimento y anterior	113,050*** (33,3460)	44,7053 (35,7702)	103,955*** (33,6666)	30,8120 (36,1288)
constante	sim	sim	sim	sim
dummies anuais	não	não	sim	sim
Observações	572	572	572	572
R- quadrado	0,01977	0,19310	0,04279	0,21828

Unidades de seção cruzada = 52

Comprimento da série temporal = 11

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

A tabela mostra os resultados das regressões referentes à primeira pergunta. A primeira coluna apresenta a regressão feita pelo método de MQO pooled; para este caso o coeficiente correspondente à variável explicativa “ajuda” é positivo e estatisticamente significativo. No entanto, o p-valor encontrado foi muito baixo (menor do que 0,001). A segunda coluna apresenta um coeficiente positivo, porém não significativo, para a regressão que utiliza um estimador de efeitos fixos.

A introdução de variáveis dummy para os anos aqui tem o objetivo de eliminar alterações no crescimento que tenham ocorrido devido a algum fator externo, generalizadamente para todo o mundo (como uma recessão mundial). Vale lembrar que para as análises das relações entre a ajuda e o crescimento antes e depois de seu recebimento, a amostra foi reduzida para 11 períodos, de 1990 a 2000, para que o crescimento posterior não fosse baseado em estimativas de crescimento para os anos de 2006 a 2009, por exemplo. As variáveis dummy, então, passam a corresponder aos anos de 1990 a 1999.

Com a inclusão das dummies, a regressão por MQO empilhado continuou a apresentar um p-valor baixo (coluna III), e a de efeitos fixos continuou a apresentar um coeficiente não significativo para a variável ajuda (quarta coluna). Sendo assim, através destes resultados, não é possível afirmar se países com menores taxas de crescimento da renda per capita tendem a receber mais ajuda.

Buscando, agora, uma resposta à segunda pergunta, foram feitas as regressões utilizando o crescimento do produto per capita nos cinco anos posteriores ao recebimento da ajuda como variável dependente, e a ajuda como variável explicativa:

Tabela 8 - Relação entre Ajuda e Crescimento Posterior à Ajuda  
Variável Dependente: Crescimento da Renda Posterior

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
Ajuda	9,44237E-06 (3,38593E-05)	-4,45488E-05 (3,47226E-05)	2,23607E-05 (3,38686E-05)	-3,03112E-05 (3,46926E-05)
constante	sim	sim	sim	sim
dummy 90			-0,0214415 (0,0862813)	-0,0232448 (0,0792559)
dummy 91			0,0235859 (0,0862835)	0,0256282 (0,0792585)
dummy 92			0,0907189 (0,862737)	0,0909683 (0,0792472)
dummy 93			0,0024754 (0,0862738)	0,00216041 (0,0792473)
dummy 94			-0,121312 (0,0862740)	-0,121774 (0,0792476)
dummy 95			-0,162047* (0,0862736)	-0,162142** (0,0792471)
dummy 96			-0,169578** (0,0862799)	-0,171207** (0,0792543)
dummy 97			-0,196487** (0,0865678)	-0,185395** (0,0795831)
dummy 98			-0,161063* (0,0866421)	-0,148647* (0,0796679)
dummy 99			-0,117421 (0,0863142)	-0,113303 (0,0792935)
Observações	572	572	572	572
R- quadrado	0,00014	0,22513	0,04318	0,26621

Unidades de seção cruzada = 52

Comprimento da série temporal = 11

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

A regressão feita pelo método de MQO empilhado apresentou um coeficiente positivo, porém não estatisticamente significativo. O mesmo acontece para a regressão realizada através do mesmo método, quando se incluem as variáveis dummies para anos (quarta coluna). Os coeficientes de maior peso observados para as variáveis dummy foram os correspondentes aos anos de 1995 a 1998, o que pode indicar que as taxas de crescimento nesses anos para os países considerados na amostra foram menores que o ano-base, 2000. Com relação às regressões que utilizaram um estimador de efeitos fixos (colunas I e III), os coeficientes foram negativos, mas, novamente, não significantes. Nossa análise empírica, então, não nos permite dizer que estas variáveis estão relacionadas.

Portanto, os resultados mostraram que não houve correlação da ajuda nem com o crescimento nos cinco anos anteriores a ela, nem com o crescimento nos cinco anos posteriores a ela.

## **7. Ajuda e Pobreza**

Nesta seção, tentaremos avaliar a relação entre ajuda e pobreza, esta última medida através de quatro diferentes índices.

Boone (1996) analisou o impacto da ajuda financeira externa sobre a pobreza através de alguns indicadores de desenvolvimento humano como mortalidade infantil, taxas de acesso à educação primária e expectativa de vida. Segundo ele, os indicadores de mortalidade infantil respondem rapidamente a melhoras nos serviços de saúde e, por isso, podem ser considerados medidas “flash” de melhoras nas condições de vida dos pobres. No entanto, sua análise empírica demonstrou que a ajuda não apresentava nenhum impacto significativo nesses três indicadores.

Seguindo esta linha, Masud e Yontcheva (2005) utilizaram como estimadores de pobreza a taxa de mortalidade infantil e a taxa de analfabetismo. As autoras optaram por usar esses índices porque consideram que os programas de ajuda externa atualmente têm como principal enfoque metas de redução da pobreza, como os “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”. Tentam, assim, avaliar como a ajuda pode contribuir para que sejam atingidos esse objetivos. Seus resultados mostraram que a ajuda externa contribui para a redução da mortalidade infantil e, dividindo a ajuda entre ajuda bilateral e ajuda advinda de organizações não-governamentais (ONGs), as últimas apresentaram uma contribuição maior. Também observaram que um aumento no gasto com saúde reduz, de fato, a mortalidade infantil e que países com um maior produto per capita e com um maior desenvolvimento das áreas rurais apresentam taxas menores deste tipo de mortalidade. Em relação ao analfabetismo adulto, a análise empírica mostrou que maiores gastos com educação reduzem este indicador, e que países com menores taxas de crescimento da população e maiores níveis de urbanização possuem uma menor proporção de adultos analfabetos. No entanto, o impacto da ajuda sobre o analfabetismo não foi significativo.

Neste estudo, utilizaremos como medida de pobreza o “headcount”, que representa a porcentagem da população vivendo em domicílios com renda per capita abaixo da linha de pobreza de US\$38 por mês; o “poverty gap”, que representa a distância média

abaixo da linha de pobreza como proporção da linha de pobreza, o “squared poverty gap” (índice equivalente ao quadrado do índice anterior), e o índice de pobreza de Watts.

Para estes dados, foi utilizada a linha de pobreza de US\$1,25 por dia, ou US\$38 por mês. Chen e Ravallion (2008) calcularam que esta deveria ser uma melhor medida para avaliar a pobreza do que a linha de US\$1,00 anteriormente utilizada pelo Banco Mundial. A nova linha estabelecida por eles é a média das linhas de pobreza nacionais dos 15 países mais pobres em termos de consumo per capita, e foi calculada utilizando a paridade do poder de compra (PPP), através de um índice de preços de 2005. Para calcular este índice de preços, eles dividiram o mundo em seis principais regiões com diferentes cestas contendo entre 600 e 1000 produtos. A linha anterior havia sido proposta por Ravallion, Datt e van de Walle em 1991, que tomaram como base dados de 33 países, utilizando a paridade do poder de compra (PPP) de 1985.

Na análise empírica, o primeiro índice utilizado como variável dependente para avaliar a pobreza foi o “headcount”. Segundo Ray (1998), o “headcount” não é uma boa medida de pobreza porque apenas “conta” os indivíduos que vivem abaixo da linha de pobreza, sem diferenciá-los. Ou seja, ele não mostra o quão distante da linha de pobreza está cada indivíduo; considera todos que estão abaixo dela como pobres, e os que estão acima, como não pobres. Devido a isso, ele não satisfaz alguns axiomas desejáveis para um índice de pobreza, como o axioma da monotonicidade, que considera que qualquer ganho de renda para os pobres torna menor a pobreza, e o axioma da transferência, que afirma que transferências de renda entre os pobres que reduzam a desigualdade reduzem a pobreza (Ravallion e Chen, 2001).

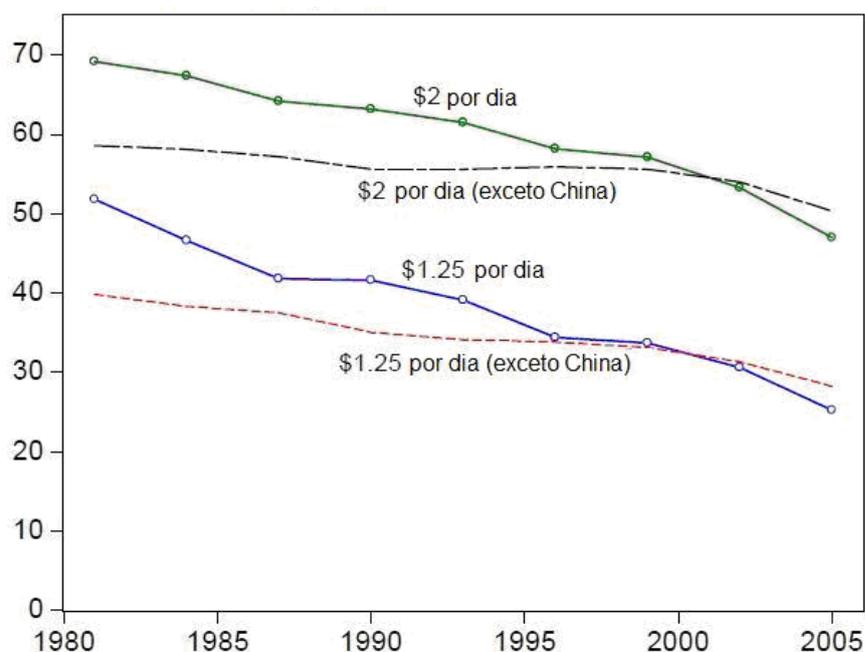
O uso do “headcount” como medida de pobreza pode levar, ainda, a decisões políticas equivocadas, uma vez que, com o objetivo de diminuir este índice, um governo poderia dar preferência a transferir renda para os indivíduos ligeiramente abaixo da linha de pobreza, ao invés de transferi-la para os que estão mais distantes da linha. No entanto, optei por utilizar este índice como medida de comparação com outros índices. Ravallion e Chen(2008) mostraram que, para os anos que utilizei na amostra, o valor do headcount vem diminuindo:

---

<sup>6</sup> Tendo esta linha como base, eles estimaram que, no ano de 1985, um terço da população vivia abaixo da linha de pobreza. Para isso utilizaram pesquisas de amostras de domicílios de 22 países.

Figura 2 – Headcount para os países em desenvolvimento, 1981-1005

% abaixo da linha de pobreza



Obs.: linhas de pobreza a preços de 2005

Fonte: Ravallion e Chen (2008)

A primeira regressão relacionada à pobreza, então, utiliza a ajuda como variável independente e o headcount como dependente, e realiza estimativas através do método de MQO pooled (coluna I). Tanto esta quanto a regressão acrescida de dummies como variáveis explicativas (coluna III) apresentaram coeficientes negativos para a variável “ajuda”, porém não significantes. O uso de estimadores de efeitos fixos (colunas II e IV) reduziu o valor dos coeficientes, mas estes ainda se mantiveram insignificantes. Sendo assim, não é possível afirmar que haja uma correlação entre a ajuda concedida pelo FMI e a pobreza medida pela proporção de indivíduos abaixo da linha de US\$1,25/dia.

Tabela 9 – Relação entre Ajuda e Pobreza Medida pelo Headcount  
Variável Dependente: Headcount

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	-0,00246289 (0,00211941)	-0,000252263 (0,000636964)	-0,00246566 (0,00215009)	-0,000206655 (0,000607951)
constante dummies	sim	sim	sim	sim
anuais	não	não	sim	sim
Observações	258	258	258	258
R- quadrado	0,00525	0,94486	0,01234	0,95202

Unidades de seção cruzada = 43

Comprimento da série temporal = 6

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

A segunda medida de pobreza utilizada foi a distância média dos indivíduos em relação à linha. Considerando o “poverty gap” como variável dependente, e a ajuda como independente, o coeficiente encontrado para a variável “ajuda” foi insignificante. Isso aconteceu para todas as regressões: MQO empilhados com dummies e sem dummies, e com um estimador de efeitos fixos, com dummies e sem dummies. Com isso, é possível notar a ausência de correlação entre a ajuda financeira externa concedida pela instituição em estudo e a pobreza medida através do “poverty gap”. Detalhes destas regressões podem ser vistos na tabela abaixo:

Tabela 10 – Relação entre Ajuda e Pobreza Medida pelo Poverty Gap  
Variável Dependente: PG

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	-0,00126196 (0,00108855)	-0,000119753 (0,000430936)	-0,00123390 (0,00110191)	-5,57720E-05 (0,000413192)
constante dummies	sim	sim	sim	sim
anuais	não	não	sim	sim
Observações	258	258	258	258
R- quadrado	0,00522	0,90432	0,01659	0,91597

Unidades de seção cruzada = 43

Comprimento da série temporal = 6

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

A análise utilizando-se um terceiro indicador de pobreza, muito semelhante ao anterior, e pelos mesmos métodos de estimação, apresentou resultados similares aos anteriores. Novamente, os coeficientes se mantiveram negativos (com exceção para o encontrado na regressão de efeitos fixos com dummies), mas não podem ser considerados, uma vez que não são estatisticamente significantes para nenhuma das quatro regressões. A tabela 11 mostra estes resultados.

Tabela 11 – Relação entre Ajuda e Pobreza Medida pelo Squared Poverty Gap  
Variável Dependente: SPG

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	-0,000780971 (0,000703663)	-6,03239E-05 (0,000339946)	-0,000748444 (0,000711099)	3,52977E-07 (0,000328825)
constante	sim	sim	sim	sim
dummies				
anuais	não	não	sim	sim
Observações	258	258	258	258
R- quadrado	0,00479	0,85745	0,01949	0,87259

Unidades de seção cruzada = 43

Comprimento da série temporal = 6

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

O quarto medidor de pobreza considerado foi o índice de pobreza de Watts. Este

índice é definido como: 
$$W = \int_0^z -\log(y/z) d\mu(y)$$

Onde  $\mu$  é a função de densidade acumulada dos padrões de vida  $y$  e  $z$  é a linha de pobreza. Diferentemente dos estimadores de pobreza anteriores, o índice de Watts satisfaz os axiomas da monotonicidade, da transferência, e da sensibilidade da transferência. Satisfaz também o axioma do “foco”, que diz que a medida de pobreza não deve depender do padrão de vida dos não-pobres, já que considera que os não pobres tem poverty gap igual a zero, Além disso, é um índice contínuo e satisfaz outras propriedades (Ravallion e Chen, 2001; Muller, 2001).

Apesar do índice de Watts poder ser considerado um melhor estimador de pobreza do que os anteriores, os testes empíricos realizados utilizando esta variável não

diferiram muito dos acima apresentados. Mais uma vez, os coeficientes relacionados à variável independente “ajuda” não foram estatisticamente significantes em nenhum dos tipos de estimação, como pode ser observado na tabela 12.

Tabela 12 – Relação entre Ajuda e Pobreza Medida pelo Índice de Watts  
Variável Dependente: Watts

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	-0,0122738 (0,0864490)	-1,14285E-06 (0,0906790)	-0,00247253 (0,0873187)	0,0142846 (0,0917098)
constante	sim	sim	sim	sim
dummies				
anuais	não	não	sim	sim
Observações	247	247	247	247
R- quadrado	0,00008	0,32763	0,01736	0,34468

Unidades de seção cruzada = 42

Comprimento da série temporal = 6

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

Utilizamos, então, quatro diferentes medidores de pobreza para tentar analisar a relação da ajuda concedida pelo FMI com a pobreza nos países tomadores dos empréstimos. No entanto, para todos os testes o resultado encontrado foi de que não havia correlação entre a variável “ajuda” e a variável representativa de pobreza.

## 8. Ajuda e Comércio Internacional

Nesta seção, tentaremos analisar a relação dos empréstimos concedidos pelo FMI aos países em desenvolvimento com três variáveis referentes ao comércio internacional: o saldo do Balanço de Pagamentos, a proporção das exportações em relação ao PIB, e as importações, também normalizadas pelo PIB.

A análise da ajuda relacionada ao saldo do Balanço de Pagamentos é importante porque, quando foi fundado, a principal atividade do fundo era conceder empréstimos de curto prazo para países que apresentassem desequilíbrio no balanço de pagamentos. (Goff, 2003). O FMI, de acordo com a metodologia contida na sexta edição do “Manual de Balanço de Pagamentos”, de março de 2008, define o Balanço de Pagamentos como o Balanço que mostra as transações econômicas entre residentes e não residentes de um país durante um período de tempo específico.

A primeira série de regressões tomou o saldo do balanço de pagamentos como variável dependente, e a ajuda como variável explicativa.

Tabela 13 – Relação entre Ajuda e saldo do Balanço de Pagamentos  
Variável Dependente: BP

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	-1,06657 (1,12475)	-1,22496 (1,33005)	-1,18367 (1,13176)	-1,39478 (1,34185)
constante	sim	sim	sim	sim
dummies				
anuais	não	não	sim	sim
Observações	585	585	585	585
R- quadrado	0,00154	0,07794	0,02675	0,10321

Unidades de seção cruzada = 39

Comprimento da série temporal = 15

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

Podemos observar que, para todas as regressões, o coeficiente relacionado à variável dependente “ajuda” se apresentou negativo, porém, estatisticamente insignificante. Apesar de termos realizado as regressões também com um estimador de efeitos fixos, e com a introdução de variáveis dummy, nas colunas III e IV, para os anos

analisados (para este caso o ano de 2005 foi excluído da amostra, devido à ausência de dados para determinados países, e assim o ano de controle passou a ser 2004), não foi possível tornar esse coeficiente significativo. Sendo assim, devemos interpretar que não houve correlação entre o saldo do BP e a ajuda externa multilateral via FMI.

O Fundo Monetário oficialmente divide o Balanço de Pagamentos em Conta Corrente, Conta Capital e Conta Financeira (e não apenas nas duas primeiras, como é comum na literatura). Dentro da Conta Corrente, a estrutura da Conta de Bens e Serviços está especificada no Anexo 2. Foram analisadas aqui as exportações e importações de bens e serviços.

Tabela 14 – Relação entre Ajuda e Exportações  
Variável Dependente: X/Y

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	-2,52465E-05 (1,58350E-05)	1,06025E-05 (7,57352E-06)	-2,77574E-05* (1,58713E-05)	7,76707E-06 (6,97286E-06)
constante	sim	sim	sim	sim
dummies				
anuais	não	não	sim	sim
Observações	688	688	688	688
R- quadrado	0,00369	0,84497	0,3358	0,87392

Unidades de seção cruzada = 43

Comprimento da série temporal = 16

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

Para avaliar a relação entre exportações e ajuda, consideramos as exportações normalizadas pela renda com variável dependente, e a ajuda novamente entra como variável independente. Para as regressões feitas utilizando-se o método de Mínimos Quadrados empilhados, os coeficientes da principal variável independente, “ajuda”, foram negativos, e para os casos em que foi utilizado um estimador de efeitos fixos, o coeficiente foi positivo. No entanto, apenas para a regressão de MQO pooled com dummies, este foi estatisticamente significativo, a 10%, porém, para este caso, o p-valor encontrado foi baixo. Não podemos, então, confirmar a presença de relação entre os empréstimos concedidos pelo Fundo e as exportações como proporção do PIB.

Em relação às importações, utilizando-as como variável dependente, e a ajuda como independente, foram estimadas as mesmas quatro regressões.

Tabela 15 - Relação entre Ajuda e Importações  
Variável Dependente: M/Y

	MQO pooled (I)	EF (II)	MQO pooled (III)	EF (IV)
ajuda	0,633342 (0,749442)	-2,06031** (0,882751)	0,779454 (0,676550)	-1,90628** (0,793947)
constante	sim	sim	sim	sim
dummies				
anuais	não	não	sim	sim
Observações	688	688	688	688
R- quadrado	0,00104	0,05720	0,21394	0,26831

Unidades de seção cruzada =43

Comprimento da série temporal = 16

Obs.: Erros-padrão entre parênteses. \* indica significância a 10%, \*\* significância a 5%, e \*\*\* significância a 1%.

Neste caso, as regressões mostradas na primeira e na terceira colunas, pelo método de MQO pooled, não apresentaram um coeficiente para a variável ajuda estatisticamente significativo. Já as regressões das colunas II e IV, com estimadores de efeitos fixos, apresentaram coeficientes significativos ao nível de 5%. Como estes coeficientes são negativos, e estamos aqui analisando as importações no mesmo período da ajuda, podemos interpretar estes resultados como uma evidência de que os países que recebem a ajuda apresentam um perfil de pouco importadores. Com a introdução de variáveis dummy para todos os anos menos o último, estes coeficientes tiveram seu valor absoluto diminuído de -2,06 para -1,91. Isso faz sentido, uma vez que, com as dummies, são eliminados os efeitos de determinado ano em que tenha havido uma queda generalizada das importações para todos os países (como guerras, por exemplo).

Percebemos, então, que não há correlação entre o saldo do Balanço de Pagamentos e a ajuda, ou das exportações com a ajuda. Porém, pode ser observada uma correlação negativa entre a ajuda e as importações..

Esse resultado faz sentido se levarmos em consideração Easterly (2003), ao afirmar que os governos dos países doadores tendem a ter outros objetivos para a ajuda além da redução da pobreza, como aumentar as suas próprias exportações. Apesar de aqui estarmos considerando a ajuda multilateral do FMI, e não mecanismos bilaterais de ajuda, podemos interpretar a variável “ajuda” aqui considerada como representativa de todos os tipos de ajuda, já que esta a instituição em estudo é a mais antiga instituição de ajuda internacional e uma das maiores em volume de recursos.

## **9. Conclusão**

Levando em consideração que a maior parte da literatura referente a este tema analisa apenas a ajuda bilateral, e considera como método de avaliação da eficácia da ajuda *apenas* dados macroeconômicos (sendo o crescimento da renda o principal deles), ou, em menor escala, *apenas* dados relacionados à pobreza, nossa pretensão com este trabalho foi avaliar um tipo de ajuda pouco estudada, a ajuda multilateral concedida pelo FMI sob a forma de empréstimos. Realizamos, ainda, a análise empírica tendo como base tanto dados relacionados à macroeconomia quanto relacionados à pobreza e desigualdade.

Através da realização de regressões utilizando o método de Mínimos Quadrados Ordinários empilhados, e utilizando um estimador de Efeitos Fixos, com e sem a inclusão de variáveis dummy representando os anos da amostra, foi possível avaliar a relação de ajuda com renda e desigualdade, com crescimento da renda per capita, com a pobreza, e com variáveis representativas do comércio internacional.

A análise dos dados de renda e desigualdade mostrou que a ajuda está correlacionada com menos renda e mais desigualdade, ou seja, os países que recebem a ajuda apresentam um perfil de baixa renda per capita e maiores índices Gini.

Em relação ao crescimento, tentamos avaliar se a ajuda promove maiores taxas de crescimento do PIB per capita e se menores taxas de crescimento fazem com que os países recebam mais ajuda. O estudo empírico mostrou que, para a nossa amostra, não houve correlação da ajuda nem com o crescimento nos cinco anos posteriores, nem com os cinco anos anteriores ao ano de tomada dos empréstimos.

Para verificar a relação entre ajuda e pobreza, foram utilizados quatro diferentes índices de pobreza. Porém, os coeficientes relacionados a estas variáveis também se mostraram estatisticamente insignificantes.

Com o objetivo de analisar, ainda, como a ajuda se relaciona com o comércio internacional, foram utilizadas três variáveis: o saldo do Balanço de Pagamentos, as exportações e as importações. A análise econométrica revelou que não há correlação

entre a ajuda e o saldo do Balanço, nem entre a ajuda e as exportações. No entanto, foi possível identificar que a ajuda está negativamente relacionada com as importações.

## **10. Referências Bibliográficas**

- BOONE, P. "Politics and the Effectiveness of Foreign Aid", *European Economic Review*, Vol. 40, February 1996, pp. 289–329.
- BURNSIDE, C; Dollar, D. "Aid, Policies and Growth", *American Economic Review*, Vol. 90, September 2000, pp. 847–67.
- \_\_\_\_\_. "Aid, Policies and Growth: Revisiting the Evidence", Policy Development Working Paper 3251, World Bank, 2004
- CHENERY, H; Strout, A. "Foreign Assistance and Economic Development," *American Economic Review*, vol. 56, September 1966, pp. 679–733.
- EASTERLY, W. "The Ghost of Financing Gap: Testing the Growth Model Used in the International Financial Institutions", *Journal of Development Economics*, December 1999, 60(2): 423-38.
- \_\_\_\_\_. "Can Foreign Aid Buy Growth?" *Journal of Economic Perspectives*, Vol. 17, Summer 2003, pp. 23–48.
- EASTERLY, W; Pfitze, Tobias. "Where Does the Money Go? Best and Worst Practices in Foreign Aid." *The Journal of Economic Perspectives*, American Economic Association; Vol. 22, No. 2, Spring 2008, pp. 29-11A(-17)
- GOFF, P. "Development Economics Web Guide", May 2003
- INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). *International Financial Statistics Database*, February 2008
- \_\_\_\_\_. *Balance of Payments and International Investment Position Manual*, Sixth Edition (Draft), March 2008
- LANCASTER, C. "Foreign Aid: Diplomacy, Development, Domestic Politics" *The University of Chicago Press*, 2007
- MASUD, N.; Yontcheva, B. "Does foreign aid reduce poverty? Empirical evidence from nongovernmental and bilateral aid", IMF Working Paper WP/01/100, May 2005.
- MULLER, C. "The Properties of the Watts Poverty Index under Lognormality." *Economics Bulletin*, Vol. 9, No. 1, 2001, pp. 1–9
- RAVALLION, M.; Chen, S. "Measuring Pro-Poor Growth", Policy Research Working Paper 2666, World Bank, Development Research Group, August 2001

\_\_\_\_\_. "The Developing World Is Poorer Than We Thought, But No Less Successful in the Fight against Poverty", Policy Research Working Paper 4703, World Bank, Development Research Group, August 2008

RAY, D. "Development Economics", Princeton University Press, 1998

WORLD BANK. World Development Indicators, August 2008.

## **Anexo 1 – Amostras de países utilizadas nas regressões**

### **Amostra de países utilizada nas regressões de renda e renda per capita:**

Argélia	Guatemala	Paquistão
Argentina	Guiana	Peru
Bangladesh	Guiné-Bissau	Polónia
Bolívia	Haiti	Quênia
Brasil	Honduras	Rep. Centro Africana
Burundi	Hungria	República do Congo
Camarões	Índia	República
Camboja	Indonésia	Dominicana
Chade	Israel	Romênia
Chile	Jamaica	Ruanda
Coréia	Jordânia	Senegal
Costa do Marfim	Madagascar	Sri Lanka
Costa Rica	Maldivas	Tailândia
Dominica	Mali	Togo
Egito	Marrocos	Trinidad e Tobago
Etiópia	Maurício	Tunísia
Filipinas	Mongólia	Uruguai
Gabão	Níger	Zâmbia
Granada	Panamá	

### **Amostra de países utilizada nas regressões de importações e exportações:**

Argélia	Guatemala	Paquistão
Argentina	Guiné-Bissau	Polónia
Bangladesh	Haiti	Quênia
Bolívia	Honduras	Rep. Centro Africana
Burundi	Hungria	República do Congo
Camarões	Indonésia	República
Camboja	Israel	Dominicana
Costa do Marfim	Jamaica	Romênia
Costa Rica	Madagascar	Ruanda
Dominica	Mali	Sri Lanka
Egito	Marrocos	Togo
Etiópia	Maurício	Trinidad e Tobago
Filipinas	Mongólia	Tunísia
Gabão	Níger	Uruguai
Granada	Panamá	

**Amostra de países utilizada nas regressões de Balanço de Pagamentos:**

Argélia	Guatemala	Peru
Argentina	Guiana	Polônia
Bangladesh	Haiti	Quênia
Bolívia	Honduras	Rep. Centro Africana
Brasil	Hungria	República do Congo
Burundi	Índia	República
Camarões	Indonésia	Dominicana
Chade	Israel	Romênia
Chile	Jamaica	Ruanda
Coréia	Jordânia	Senegal
Costa do Marfim	Madagascar	Sri Lanka
Costa Rica	Maldivas	Tailândia
Dominica	Mali	Togo
Egito	Marrocos	Trinidad e Tobago
Etiópia	Maurício	Tunísia
Filipinas	Níger	Uruguai
Gabão	Panamá	Zâmbia
Granada	Paquistão	

**Amostra de países utilizada nas regressões de pobreza e desigualdade:**

Argélia	Guatemala	Quênia
Bangladesh	Guiana	Rep. Centro Africana
Bolívia	Guiné-Bissau	República do Congo
Brasil	Haiti	República
Burundi	Honduras	Dominicana
Camarões	Hungria	Romênia
Camboja	Jamaica	Ruanda
Chade	Jordânia	Senegal
Chile	Madagascar	Sri Lanka
Costa do Marfim	Mali	Tailândia
Costa Rica	Níger	Togo
Egito	Panamá	Trinidad e Tobago
Etiópia	Paquistão	Tunísia
Filipinas	Peru	Zâmbia
Gabão	Polônia	

**Anexo 2 – Estrutura oficial da Conta de Bens e Serviços do Balanço de Pagamentos de acordo com o FMI**

Exports (C.R.)Imports(D.R.)

General merchandise on a balance of payments basis	
<i>Of which: Re-exports</i>	
Net exports of goods under merchanting	
<i>Goods acquired under merchanting (negative exports)</i>	
<i>Goods sold under merchanting (exports)</i>	
Nonmonetary gold	
Total goods	
Balance on trade in goods	
Manufacturing services on physical inputs owned by others	
Maintenance and repair services n.i.e.	
Transport	
Travel	
Telecommunications, computer, and information services	
Construction	
Insurance and pension services	
Financial services	
Charges for the use of intellectual property	
Other business services	
Personal, cultural, and recreational services	
Government goods and services n.i.e.	
Total services	
Balance on trade in services	
Total goods and services	
Balance on goods and services	